



Jornal Interescolar

N.º 8 - 2022 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Edição da Câmara Municipal do Seixal

IGUALDADE COM DIREITOS



Ilustração: Tomás Soeiro, Ana Santos e Joana Cabral [8.º E]

Editorial

A edição do *Jornal Interescolar* 2021-2022 tem como tema central a «Igualdade com Direitos», onde se incluem os direitos civis, culturais, económicos, políticos e sociais, reforçando a necessidade da tomada de consciência para a necessária ausência da diferença, onde todas as partes assumem as mesmas condições em sociedade.

Nunca é de mais lembrar a importância da Declaração dos Direitos Humanos, que no seu artigo 7.º salienta a importância de: «Todos são iguais perante a lei e, sem qualquer discriminação, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito a proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação».

Os Direitos Humanos constituem a categoria mais básica de direitos que qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo, pode requerer em defesa própria ou de outrem. Não há distinção de classe social, cor, género, nacionalidade, religião,

orientação sexual ou de qualquer outro tipo que anule os direitos fundamentais de uma pessoa.

A estratégia inscrita no Plano Educativo Municipal (PEM) da Câmara Municipal do Seixal vem alinhada com o princípio da Constituição da República Portuguesa, que no seu artigo 13.º (Princípio da igualdade) visa conferir que «Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei», e que «Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual». Convoca também para a importância do debate sobre a igualdade, principal base da sociedade, de forma a estar ao serviço de propostas de implementação e concretização de medidas desenhadas com as escolas para garantir que todos tenham consciência, de igual for-

ma, das oportunidades de participação na valorização dos direitos humanos, dando voz às questões da paz e da liberdade.

A edição do *Jornal Interescolar* 2021-2022 para a Igualdade com Direitos pretende, ainda, dar cumprimento ao compromisso assumido pela Câmara Municipal do Seixal com as escolas, enquanto instituição dinâmica nos processos de mudança, para a redefinição de um quadro de atuação comum de atividades no âmbito da Estratégia Nacional da Educação para a Cidadania, dando prioridade a matérias de desenvolvimento e dos Direitos Humanos.



Joaquim Santos, presidente da Câmara Municipal do Seixal

Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

Lutas diárias das PCD

A pessoa com deficiência (PCD) é vista como alguém com capacidades físicas ou mentais inferiores ou diminuídas. À inferiorização das aptidões e capacidades dá-se o nome de Capacitismo. O significado literal desta palavra (do latim *deficiens*, significa insuficiente, falta, falhar) tem conotações negativas.

Importa que as PCD sejam tratadas de maneira individual (pois cada pessoa é uma pessoa) de modo a respeitar as possibilidades e as limitações às quais estão sujeitos. A Cultura dos Surdos, onde a deficiência auditiva tem um valor cultural (identidade surda), surge como algo positivo.

Regista-se um avanço, mas ainda há muito preconceito e as PCD têm menos probabilidade de ter acesso a cuidados de saúde, educação, emprego e de participar na comunidade: algo que afeta milhões, mas que é pouco abordado.

É importante a discussão das questões de igualdade, sobretudo a discussão das situações em que as diferenças são tratadas como desigualdades e, simultaneamente, resistir e lutar pelo direito de afirmar as diferenças.



11.º H2

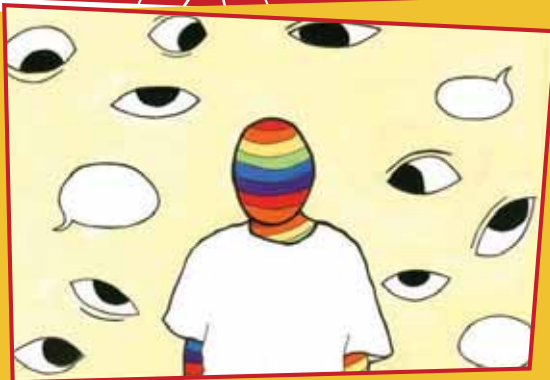
«Imagine all the people, living life in peace»

Anos após este hino mundial pela paz e união dos povos, continuamos a «imaginar». Imaginar um mundo sem guerras, sem violência, sem nações ou crenças que motivem conflitos, onde todos os seres humanos possam dividir o mesmo espaço em harmonia e que não seja preciso lembrar que os refugiados são humanos e fazem parte do «all the people».

Todos temos o direito de viver sem preconceito, sem estar sujeito à agressão. Viver em paz no território que escolhermos.



11.º T2



LGBTQI+

As leis que defendem os direitos LGBTQI+ em Portugal têm vindo a garantir a proteção de pessoas e a luta pelo respeito de direitos. Mas será que só isso faz com que não haja discriminação ou preconceito no país?

A sexualidade e a identidade de género continuam a ser um assunto tabu. A desinformação e a falta de apoio a jovens da comunidade LGBTQI+ faz que sejam vítimas de *bullying* associado a homofobia. A identidade de género e a orientação sexual não são uma escolha, muito menos uma doença, ou algo necessário de ser tratado.

É urgente e necessária a luta e defesa destes direitos para acabar com a discriminação e o preconceito sofrido pela comunidade. É preciso agir e mudar!

11.º T2

Sabias que?...

- A ideia de igualdade é um tópico controverso desde os filósofos gregos, que consideravam a desigualdade algo desejado na sociedade, defendendo a escravidão e a desigualdade social?

Jean-Jacques Rousseau, em 1751, na sua obra *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, distintamente de Platão e Aristóteles, afirma a sua visão antropológica que «os homens nascem livres, iguais e independentes»?

- A igualdade de género não é uma questão das mulheres, é uma questão de direitos humanos que deve envolver homens e mulheres?

- A situação dos refugiados e o dever de protegê-los estiveram na ordem de dois dos mais significativos temas da agenda política presentes na elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos e o artigo 14.º assegura a «todo o ser humano que seja vítima de perseguição o direito de procurar e receber proteção internacional em outro país»?

11.º T2



A refugee's story

The current global situation is quite tough, with conflict and despair on the rising. However, there are those like Ghalia Taki that find the way to move forward and thrive even when all the odds are against them.

During the session held at our school on March 15, hosted by JRS Portugal, the Syrian-born Ghalia Taki talked not only about her own personal struggles as a refugee, but also about the beauties of the Middle East and how wrongly it has always been depicted on the western media.

With her talk, Miss Ghalia showed us not only the double standards portrayed by western society but also the harsh truth of suffering and the sacrifices that she as a mother had to make in order to provide a better future for herself, her child and her family.

The life of a refugee is difficult and dangerous and can really put someone down due to the prejudice they face, but most of them, like Ghalia Taki, choose to stand high and call their new country a home.

Stories like Ghalia's tend to get forgotten by the media. However, as young people, we have the power to change that, to change the ugly monopolization of information by being an ally to those in need. As Ghalia herself is doing with her work as translator and mediator alongside some NGOs in Portugal.

Today they need help but tomorrow we might be on their shoes. What matters is the fact that we can count on each other to thrive and move forwards.

Ghalia Taki was really inspiring and really opened some minds.



Texto: 12.º H2

Ilustração: Diana Colares, 11.º T2

Mulher

A igualdade de género é um desafio no que toca a Direitos Humanos. Os estereótipos ainda condicionam as escolhas, e são as mulheres quem sofre mais de violência doméstica.

A revista *Menina e Moça*, edição n.º 9 [1948] define a mulher ideal, «a fada do lar», através da apreciação dos homens. Era a opinião do homem que contava.

A simples situação de usar maquilhagem impedia de ser «mulher ideal». A Igreja defendia que a mulher devia obedecer e agradar ao seu marido, porque ele mandava em si e em casa.

Há um longo caminho a percorrer e muito tem sido feito para a igualdade de direitos e oportunidades, mas as conquistas sociais nunca estão garantidas.

É necessário combater a discriminação e afirmar a equidade entre homens e mulheres.

A igualdade torna o mundo num sítio melhor.



11.º H2



Ilustração: Anastasia Iovu, 11.º T2

«I have a dream...»

A frase foi proferida por Marthin Luther King, a 28 de agosto de 1963, para mais de 250 mil pessoas, numa das maiores marchas e manifestações contra a segregação racial no mundo. 59 anos depois, todos os dias, somos confrontados com inúmeros casos de discriminação racial: da América, com a morte de George Floyd por um polícia, que gerou uma onda de protestos em todo o mundo; à Europa, no nosso próprio país, onde embora se afirme que «Portugal não é racista», os dados confirmam o contrário, porque o racismo não é uma questão individual, é um problema sistémico muito enraizado.

Muitas queixas feitas à Comissão contra a Discriminação Racial são sobre questões laborais e confirmam que há preferência pelos brancos no que diz respeito a contratações e há uma «óbvia» preferência em alugar casas a brancos.

Se todos nós «Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.» assim como referia Sophia de Mello Breyner, é necessário tomar uma posição e defender a causa, e não ignorar o que acontece no mundo, ao nosso redor. É preciso mostrar que todos os inocentes mortos pela sua cor e/ou etnia não serão esquecidos. A humanidade ainda tem um longo percurso a fazer até que se atinja a tão falada igualdade racial, mas alcançá-la não é impossível.

11.º T2

Caixa de vidro



Há quem viva numa caixa de vidro, dentro de limites que, apesar de serem enganadores e parecerem inexistentes, estão lá. E não importa as dimensões da caixa, porque, no fundo, estarão sempre presos.

O vidro é um material transparente, daí esta caixa ser de vidro e não de outra matéria qualquer, porém, é especial, mais resistente do que se está à espera, isto só do lado de dentro da caixa, porque por fora é simplesmente frágil. Dentro da caixa, é possível observar tudo em redor como se não houvesse

barreiras, pode-se sonhar, desejar, criar objetivos, mas nada mais. Dos que lá vivem, poucos são os que ainda se esforçam por encontrar uma saída... por norma, esses são os que habitam na caixa há pouco tempo e são também os únicos que sabem e conhecem esses bloqueios. Os outros fingem não saber, ignoram tão completamente que já nem tentam sair, não passam daquele quotidiano, estão habituados, normalizam «a coisa», é uma pena... Este vidro... este obstáculo representa tudo o que impede de ir longe, ainda assim

simboliza o nada comparado com a luta e a resiliência. Contudo, há casos em que combater sozinho poderá ser um perigo, e aí, só há duas hipóteses, a esperança ou a revolta. Contudo, a revolta não poderá ser de um, mas de uma multidão, porque existem inúmeras caixas de vidro, inúmeros sujeitos presos pelos mesmos motivos, que se podem unir e fazer a força, isto é, rebelarem-se contra os limites impostos. Também há os que literalmente ficam à espera que alguém do exterior (talvez um D. Sebastião) quebre a

caixa e os liberte, decerto seria muito mais fácil. Enfim, quem sempre esteve livre não sabe, não entende o que é estar preso.

Quando está mais luz, o vidro reflete, impedindo que se veja o que está por trás, mas quem está nesse lugar escondido, mesmo vendo a luminosidade que vem de fora, nada poderá fazer para alcançá-la, haverá sempre um vidro que o impede. Para quem vê, quem está do lado de fora, para além do reflexo, a dor das proibições que estão a ser infligidas nos que estão presos será mais

fácil ser solidário e entrar nesta luta pela liberdade de todos. Ao vidro que prende inocentes que só é sensível aos de fora, PARTAM-NO! Aos que ainda estão presos nas caixas, não aceitem essa prisão brilhante nem se contentem com as limitações a que vos submetem. Seja algo ou alguém, enfrentem, porque a vida é vossa e vai mais além do que ficar retido num espaço a permitir que o tempo voe e leve tudo o que podem conquistar.

Rafaela Salsinha



Direitos Humanos: Artigo 6.º

O nosso trabalho aborda o artigo 6.º: «Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei».

Representamos este artigo como um todo: a silhueta de uma pessoa a repousar tranquilamente.

O seu interior é preenchido por várias imagens sobrepostas em vários lugares diferentes do mundo. Usamos acrílico para pintar o fundo preto, colagens para preencher a silhueta e representamos o planeta Terra para passarmos a mensagem de que todos nós, sem exceção, somos iguais perante a lei.

Ilustração e texto: Ana Silva e Pedro Fialho



Todos são iguais perante a lei

Representámos o artigo 7.º dos Direitos Humanos, que consiste em: «todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei».

Na sua representação, encontramos uma legenda do artigo 7.º, com escritos relativos ao artigo escolhido e símbolos/imagens significativos a assuntos e pessoas.

Este quadro, abstrato e geometrizado com alguma figuração, representa uma mulher transgénero e uma outra personagem mais desfavorecida em termos económicos a serem discriminadas e os seus direitos a não serem considerados.

Ilustração e texto: Gabriela Santos e Sara Francisco

Igualdade, direitos e liberdade

Com esta composição artística, abordamos o tema dos «Direitos Humanos: Igualdade de Género, os Direitos LGBT e a Liberdade de Expressão».

A obra integra tanto elementos figurativos, como simbólicos e abstratos. Estes têm texturas com o objetivo de transmitir e provocar sentimentos aos espectadores. Com esta intenção, será possível observar tanto cores quentes e frias, como vivas e brilhantes, e pálidas e fracas, para assim adquirir um contraste magnífico.



Ilustração: Constança Sousa e Inês Pinto

Texto: Constança Sousa, 12.º D

A luta pelos direitos humanos

No nosso quadro, a cena está localizada num *hall* de entrada, com pessoas a subir e a descer uma escada. Utilizámos cores quentes, neutras e técnica mista.

Na parede, as várias molduras com retratos de figuras retratam o grande impacto na luta pelos Direitos Humanos.

Como fundo, palavras recortadas de revistas e jornais contam a história de cada pessoa e o impacto que a mesma teve.

Algumas molduras estão ligadas com as pessoas a passar nas escadas, mostrando que qualquer pessoa pode fazer a diferença nos nossos direitos.



Ilustração e texto: Ana Lucas e Inês Antunes

Racismo

Abordamos o tema do racismo, apresentando uma mulher a preto e branco, sentada em cima de uma mulher negra, pintada com lápis de cor (para se destacar do resto da pintura), enquanto está a ler um jornal sobre acontecimentos racistas e, ao mesmo tempo, representa o seu desprezo pelo outro ser humano.

No fundo, temos tons de preto e branco, para salientar que o racismo se manifestou desde sempre. Os vários olhos dispersos que estão a observar as mulheres simbolizam a ignorância das pessoas, pois observam, veem o que está a acontecer, mas não intervêm.

Ilustração e texto: Filipe Souza e Leinice Andrade



Ilustração: Sofia Silva e Afonso Lourenço



Exploração infantil

O tema escolhido é a exploração infantil, uma violação dos artigos 23 e 26 dos Direitos Humanos, respetivamente «Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória» e «Todos têm direito à educação».

Pretendemos, com o trabalho, denunciar o que as marcas de *fast fashion* tentam esconder, ao cometer graves violações dos direitos humanos, como, por exemplo, a falta de condições e precariedade no trabalho, o que leva à exploração dos trabalhadores.

Texto: Afonso Correia e Sofia Silva

Representar o racismo

Com este trabalho, pretendemos que o espectador abra os olhos para a realidade sobre o que se passa realmente em alguns países africanos. Representamos o racismo e a importância dos Direitos Humanos. Desenvolvemos um tema violento, com uma criança e uma figura adulta, um fundo catastrófico e a visão perturbada da criança.

Ilustração e texto: Daniel Gonçalves e Daniela Fortes



Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Igualdade com direitos

No mundo de hoje, ainda muitas pessoas são discriminadas por serem mulheres, por serem de etnias diferentes, por não serem originárias do país em que vivem... Uma realidade que tem de acabar, pois, apesar das nossas diferenças, no essencial, somos todos iguais, somos todos seres humanos.

As mulheres, por vezes, recebem menos do que os homens pelo mesmo trabalho. E há situações em que nem sequer conseguem o emprego. Frequentemente, são interrogadas sobre a sua intenção de ter ou não filhos. Responder «sim» pode significar não serem admitidas, pois isso significa uma licença de maternidade e, eventualmente, até uma gravidez de risco, portanto

mais tempo em casa. É uma injustiça! Toda a gente precisa de dinheiro para viver, ainda mais na eventualidade de ter um filho para cuidar. Em Portugal, felizmente, independentemente da etnia, da religião, do sexo ou de outra coisa, as pessoas podem viver em liberdade. Já noutros países, não.

A liberdade e a paz são fundamentais, ou seja, todas as pessoas devem ver respeitado o direito a viver numa região/país onde se possam expressar livremente e onde não haja guerra.

Atualmente, a Rússia está em guerra com a Ucrânia, pois quer aquele território que já fez parte da União Soviética. A Ucrânia não é um país perfeito, mas tem o direito de ser livre. Ao pretender apoderar-se do

seu território, a Rússia quer retirar, aos ucranianos, a liberdade a que têm direito. Em suma, o mundo não é perfeito, nem nunca vai ser, mas tornando-o melhor, poderemos viver todos em paz, felizes e livres, como todos

desejamos.

Para terminar, aqui fica uma pergunta sobre o tema da igualdade para que todos reflitam sobre ele:

Se um animal albino (animal com ausência de pigmen-

tação da pele, deixando-a clara) vive da mesma maneira que os outros animais, porque é que os humanos que têm um tom de pele diferente são, por vezes, menosprezados?

Texto: Tiago Costa, 8.º E



Ilustração: Inês Costa

Igualdade nos direitos das crianças?

Eu escolhi este tema porque sinto que há crianças como eu, umas mais velhas, outras mais novas, que não sabem dar valor e não sabem ser gratos por todos os seus direitos e ainda reclamam.

Então, decidi vir mostrar um pouco da realidade de outras pessoas da nossa idade para todos aprenderem a dar valor ao seu dia a dia. Enquanto eu estou aqui a fazer um trabalho para a escola, muitas crianças devem estar a trabalhar e nem têm o direito de se queixar, pois é o que as sustenta a elas e às suas famílias. Já nós, estudantes, reclamamos da escola mas não passamos nem por metade daquilo que essas crianças passam. E quem lhes dera andar na escola!... Nós, crianças com uma vida «normal», somos privilegiados e não sabemos dar valor ao que temos; queixamo-nos da nossa escola,

enquanto há crianças no mundo que ficam contentes apenas por terem um professor para os ensinar, muitas vezes sem terem sequer uma sala para poderem aprender num local adequado.

Texto: Gabriela Silva, 8.º B



Ilustração: Catarina Santos, 9.º E

Igualdade de género

Igualdade de género é a igualdade entre homens e mulheres, o que significa que estes têm os mesmos direitos e deveres.

Tal como o homem, hoje em dia, a mulher pode votar, trabalhar e ser independente financeiramente. Ao contrário de antigamente, o homem divide com a mulher as tarefas domésticas e cuida dos filhos e a mulher contribui financeira-

mente para a família. As mulheres podem exercer postos de trabalho que eram considerados masculinos e têm nível académico igual aos dos homens.

A igualdade de género não é apenas um direito humano, mas também a base para um mundo mais criativo, próspero e sustentável.

Texto: Mariana Correia, 8.º A

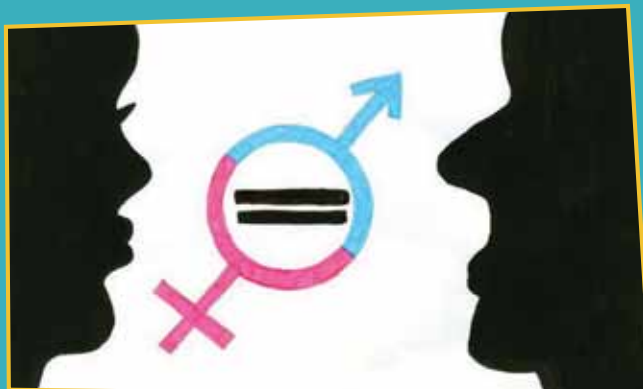


Ilustração: Diogo Duro, 9.º C

Ninguém pode ser discriminado

Na minha família, existe igualdade de direitos entre homens e mulheres e entre meninos e meninas. Contudo, há famílias, empresas, sociedades, países, em que muitas vezes não se respeitam esses direitos. Teoricamente, ninguém pode ser discriminado pelo seu género ou por outra característica qualquer, embora na prática isso aconteça com frequência. Em muitos locais, a mulher é desvalorizada em relação ao homem, mas é preciso acabar com essa situação.

A mulher e o homem valem o mesmo como seres humanos. Por isso, devemos

respeitar ambos os sexos da mesma forma, o melhor possível. A mulher tem de ser tão bem tratada quanto o homem. Ninguém pode ser considerado superior pela sua força ou por outra vantagem qualquer.

Texto: Inês Soares, Clube de Jornalismo



Ilustração: Soraia Oliveira, 9.º D

Vivemos todos debaixo do mesmo céu... Mas ainda há tanta gente sem rosto, sem cor e sem voz! Neste mundo ainda há tanta desigualdade, Tanto desamor e crueldade! Pelos Direitos Humanos devemos lutar, É urgente amar de verdade! Vamos todos dar as mãos, E viver como irmãos. Destruir o ódio, a intolerância e a guerra... Vamos construir a paz, Acabar com a desigualdade, Encher o mundo de bondade E espalhar a felicidade!

Texto: Clube de Jornalismo

Paz é a solução
Para manter a união
Paz é viver
Sem medo de perder
Paz é liberdade
Sem sofrer com a maldade
Paz é brincar
Livres sem parar
Paz é ter um coração
Para falar e resolver a situação
Paz é como uma flor
Não é para pisar e causar dor

Texto: Diogo Oliveira, 6.º E

Direito igual no mundo laboral

Desde os tempos primitivos, a mulher sempre foi o elo mais fraco. Era ela que tinha de ficar com os filhos, tomar conta da lida da casa e ainda de trabalhar nos campos. Com o passar do tempo, a mulher começou a reivindicar direitos iguais. Nos Estados Unidos, as mulheres trabalhadoras fabris iniciaram uma campanha para reivindicar os seus direitos, visto estarem a ser tratadas de forma desigual em relação aos homens. Para comemorar essa luta, foi criado o Dia da Mulher, que é a 8 de março. A partir de então, as mulheres começaram a ter mais sucesso no campo laboral,

mas ainda se verificam desigualdades nos nossos dias. A igualdade de género no mundo laboral é tão importante para as empresas que estas devem garantir a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. A desigualdade salarial é um dos exemplos de discriminação de género mais frequentes, havendo apenas seis países que garantem a igualdade laboral entre homens e mulheres, que são os seguintes: Bélgica, Dinamarca, França, Letónia, Luxemburgo e Suécia.

Margarida Carvalho, 8.º A

Igualdade de direitos – uma luta permanente

Na minha opinião, é muito importante todas as pessoas serem consideradas iguais em direitos e respeitarem-se entre si. Vou focar-me nos direitos da comunidade LGBTQIA, isto é, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, «queer», intersexuais e assexuais ou arromânticos. Acho que o grupo LGBT já conquistou imensos direitos, principalmente na Europa, inclusive em Portugal. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer, mesmo nos países com uma mentalidade mais avançada, porque todos os dias se registam dezenas ou mesmo centenas de casos de homofobia. Assim,

resta às pessoas visadas defenderem-se e reclamarem para si a igualdade com direitos iguais. Só há igualdade quando existe igualdade de direitos.

Texto: Daniela Butes, 8.º E



Ilustração: Lara Nunes, 9.º C



Ilustração: João Xia, 9.º A

Escola Secundária de Amora

Ilustração: Mariana Martins

Sem equidade, não há verdadeira igualdade! Ficou confuso?

Em fevereiro de 2022, no auditório da Escola Secundária de Amora, foi apresentado o projeto «Não Confunda Equidade com Igualdade», desenvolvido na área de cidadania por cinco alunas do 10.º F. O projeto consistiu na pesquisa dos conceitos que constituem o título, na realização de um inquérito à população, numa comparação entre a teoria encontrada e a prática social, finalizando com a realização de um *website* com o intuito de informar a população sobre o tema abordado.

O projeto teve como intenção explicar que não se alcança igualdade entre géneros, se não se fizer uso da equidade. E por que é este tema tão importan-

te? Geralmente, a palavra «equidade» é esquecida por muitos ou então nem conhecida é, e isso faz com que muitos lutem por algo com o qual não estão de acordo ou cujo significado desconhecem.

A igualdade procura oferecer as mesmas oportunidades a todos os membros da sociedade, sem considerar os seus problemas ou competências. Já a equidade busca a promoção da justiça aos direitos comuns a todos os membros da sociedade, diferenciando-os, a partir da identificação das suas competências ou problemas e, por isso mesmo, possibilitando que se adaptem, usufruindo das mesmas oportunidades.

Após a realização do inquérito, reparámos que apenas 36 por cento das pessoas que responderam concordam que o mais correto para a sociedade portuguesa e mundial é a equidade de género, obtendo 53 por cento de respostas de que a igualdade de género é o mais correto.

Depois da explicação dos dois conceitos qual é a sua opinião sobre o assunto? Defende a igualdade de género ou a equidade de género?

Uma das perguntas do inquérito que também teve respostas bem distintas foi a seguinte: «Existem diferentes profissões para o homem e para a mulher?» – ao observarmos que 40 por cento das pessoas

questionadas responderam que «sim», ficámos completamente chocadas porque chegámos à conclusão que a sociedade em que vivemos atualmente sofre de diversos estereótipos criados ao longo do tempo, tendo assim perspetivado profissões que supostamente apenas homens podiam ter, bem como profissões exclusivas para mulheres. Evidentemente, este tipo de questões tem que ser travado, pois quer um homem quer uma mulher que usem a força para desempenhar o seu trabalho terão a oportunidade de usar os equipamentos adequados para a sua execução.



Com a criação deste projeto concluímos que este tema deve ser abordado com maior clareza, para que as pessoas o conheçam e para que possam ensinar as futuras gerações de forma acertada. A equidade é um direito para que haja verdadeira igualdade.

Texto: Sara Ramos, Diana Bestuzheva, Beatriz Marques, Carolina Lopes, Érica Parreira

À conversa com a interculturalidade: e quando os direitos não garantem a igualdade?

Interculturalidade, uma palavra que está cada vez mais presente no vocabulário da sociedade atual, embora muitos não compreendam ainda a abrangência e relevância que o seu significado representa. Somos quatro alunas do 11.º ano que decidimos desenvolver um projeto a partir da escolha do domínio Interculturalidade, na área de Cidadania e Desenvolvimento. Vivemos, infelizmente, numa sociedade em que os resultados e consequências do ódio, preconceito e incapacidade de respeitar o próximo são bem visíveis. No entanto, muitos consideram que este tipo de situações dizem respeito somente ao passado, mesmo sendo os recursos,

para refutar tal ideia, de acesso público: basta ligar a televisão, ler um jornal, navegar na internet ou conversar com aqueles que nos rodeiam. Foi exatamente na conversa com indivíduos cujas vivências são diferentes das nossas que desenvolvemos este projeto. Recolhemos testemunhos no formato que as pessoas abordadas preferissem, quer por escrito, quer por entrevista. Consideramos que para promover a interculturalidade, corrigir comportamentos e procurar soluções, é essencial ouvir aqueles para quem lidar com linguagem e atitudes impulsionadas pelo ódio, ignorância e falta de empatia se tornou já lamentavelmente parte da rotina.

Os resultados destas «conversas com a interculturalidade» foram surpreendentes e imensamente enriquecedores, dado que, para além de nos permitirem ter contacto com diferentes pessoas e diferentes culturas, apresentaram-nos diferentes vivências, pontos de vista e formas de viver com as quais provavelmente não teríamos tido contacto noutra contexto. Para além dos fatores positivos, foi uma constante entre nós, que ouvimos estas pessoas e as suas histórias, sentirmos revolta perante as situações lamentáveis que nos foram transmitidas e um sentimento tal de impotência que nos incutiu uma vontade inabalável de os fazer ouvir, de dar voz àqueles que em circuns-

tâncias normais não têm a oportunidade de partilhar os seus testemunhos, procurando sensibilizar todos aqueles que conseguíssemos alcançar. Pode parecer um lugar comum mas dentro do nosso círculo de amigos, das nossas influências, das nossas redes sociais, temos a possibilidade de, ainda que sendo um pequeno contributo, contribuir para consciencializar acerca destes temas. Parte dos discursos de ódio e ações discriminatórias têm a sua origem na ignorância dos seus praticantes, portanto, principalmente em contexto escolar, onde os jovens constroem a sua identidade, constituem as suas ideologias e definem os seus valores morais. É da

mais extrema importância que estas conversas e estes projetos continuem a existir para possibilitar uma educação baseada no respeito por outrem e na empatia. Existem ainda muitas «conversas com a interculturalidade» a ser feitas e muitas histórias a ser contadas, mas, por agora, resta-nos a esperança de que, a pouco e pouco, palavras como «Paz», «Interculturalidade», «Respeito» e «Empatia» deixarão de ser meras palavras do dicionário, traduzindo-se em realidades da nossa sociedade, para que os direitos possam garantir a igualdade.

Inês Braga, 11.º H



AMUCIP na Escola Secundária de Amora

Somos os alunos de 3.º TC-TG da Escola Secundária de Amora e, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, decidimos abordar o tema «Interculturalidade». As aulas de Cidadania e Desenvolvimento contam com a colaboração e a dinamização do CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral. No decorrer das nossas aulas, começámos por abordar a pluralidade e diversidade de culturas existentes no mundo. Vimos que o desconhecimento entre povos e culturas gera conflitos e discriminações. Quando nos propusemos a debater, na turma, a discriminação, percebemos que, relativamente à comunidade cigana, as opiniões não foram as mesmas, e isto gerou algum conflito de ideias entre nós.

Para esclarecer as nossas dúvidas e rever algumas opiniões, propusemos uma visita de uma representante da AMUCIP – Associação para o Desenvolvimento das Mulheres Ciganas Portuguesas. Esta associação foi criada em 2000 e tem como objetivos principais integrar as crianças e as mulheres desta etnia no resto da comunidade onde se inserem, promovendo a defesa e o desenvolvimento das mesmas, relativamente à sua identidade cultural. Para além disso, aposta na defesa do direito à igualdade de género dentro da própria etnia; promove ações de formação e atividades culturais, recreativas, desportivas e outras em harmonia com a restante comunidade, de modo a dar a conhecer vivências. Recebemos na turma a representante desta associação do Seixal, a Alzinda Carmelo, que veio dar um testemunho pessoal e associativo sobre a identidade cigana, sobre exemplos de discriminação e exemplos que contrariam os estereótipos comuns que pesam sobre esta etnia, como é o caso de haver vários estudantes universitários, professores ou advogados pertencentes a esta comunidade. Esta convidada é, também, nossa colega da ESA, pois frequenta a escola em horário pós-laboral. Não deixando de fora problemas que existem no seio da comunidade, Alzinda Carmelo tentou explicar as razões e origens das mesmas. A questão principal prende-se com o preconceito que ainda existe relativamente a esta comunidade. À conta desta situação ocorrem bastantes obstáculos no decorrer normal da sua vida quotidiana. Referiu que o povo cigano contribuiu para o desenvolvimento de Portugal, visto estarem cá há imensos anos e, muitas vezes, esse facto é esquecido. Alzinda Carmelo gostava de contribuir para a criação de uma geração diferente, que apostasse mais na educação, evitando o abandono escolar precoce no seio da comunidade cigana.

Após esta visita, alguns alunos começaram a ter uma perspetiva diferente sobre a etnia cigana, o seu modo de vida, o seu modo de pensar e o seu modo de se integrarem na sociedade. Independentemente das origens, das especificidades e dos preconceitos, uma pessoa é, antes de tudo, uma pessoa.

Alunos do 3.º TC-TG

Breve crónica das alunas da turma M1 – etnia cigana

As palavras «Igualdade» e «Equidade» fazem-nos pensar e desejar o sonho de um mundo novo.

Temos todos os mesmos direitos, mas nem todos temos as mesmas oportunidades, por várias razões, por etnias, por religiões, por deficiências, pela aparência, enfim, por todo o tipo de diferenças, falamos até da escolaridade.

Nós, como mulheres ciganas já mães e avós, já temos oportunidade de completar a nossa escolaridade e ganhar conhecimento. Tivemos a sorte de conhecermos mulheres ciganas interessadas e capazes de terem fundado a AMUCIP (Associação das Mulheres Ciganas Portuguesas). O contacto com esta associação foi uma luz ao fundo do túnel porque era impossível conseguirmos estar nesta escola, por exemplo, sem as nossas mediadoras.

Lidar com o dia a dia não é fácil sem o apoio que sustente o conhecimento que nos faça fazer frente às dificuldades. Às vezes, digo à minha assistente social que sei que tenho direitos e que também tenho deveres. Mas, em certas profissões, faz diferença saber lidar com as nossas diferenças, como por exemplo a forma de expressar e falar de maneira a que a gente entenda: assim como uma pessoa que está numa cadeira de rodas não acede ao balcão de atendimento se não houver uma rampa, da mesma forma nós não conseguimos fazer valer os nossos direitos, se a assistente não nos explicar as coisas ou se for preconceituosa. Ficamos nas mãos dos outros.

Faz falta haver mais humildade para conseguir ajudar da melhor maneira a quem mais necessita.

Há profissionais respeitadores e bondosos, outros nem tanto. Devem-nos dar a conhecer os nossos direitos e os deveres porque, sem essa orientação, não temos igualdade de oportunidades.

Lurdes e Vitória

Breve crónica das alunas da turma M2 – etnia cigana

As palavras «Igualdade» e «Equidade» fazem-nos pensar e desejar o sonho de um mundo novo.

Infelizmente, no tempo em que vivemos, ainda não conseguimos alcançar igualdade. O meu sonho era viver num mundo onde todos pudessem ser tratados de forma igual e tivessem os mesmos direitos, sem preconceitos. Às vezes, só pelo facto de sermos ciganos, sofremos o preconceito e a desigualdade, como por exemplo, na procura de um emprego: se percebem que somos ciganos (pela aparência e modo de falar) dizem-nos que as vagas já estão preenchidas!

Já me senti discriminada num centro comercial: quando estavam a oferecer ou mesmo a impingir cartões de crédito; quando olharam para mim, disfarçaram, voltaram as costas.

A igualdade e a equidade são essenciais para o desenvolvimento do nosso país, e principalmente para o futuro dos nossos filhos. Espero que a desigualdade social diminua.

Mas também cabe a cada um de nós lutarmos pelos nossos direitos.

Nós, apesar de não termos tido a possibilidade de irmos a todas as aulas enquanto crianças, agora, que temos entre os 30 e os 40 anos, decidimos voltar à escola, graças à oportunidade que nos foi dada pela AMUCIP e pela ESA.

Caminhamos em direção à igualdade.

Vanessa, Ana Cláudia e Cecília

Agrupamento de Escolas Nun'Álvares

Nun'Álvares à descoberta d

VOX POP

«O que é para ti/si igualdade com direitos?»

Fernando (docente): «Toda a gente tem os mesmos direitos. Independentemente de seres branco, preto, amarelo, vermelho, seres alto, baixo, magro, gordo. Toda a gente tem os mesmos direitos, isso é que é igualdade de direitos. A expressarmo-nos por exemplo... o direito à educação, direito à saúde... isso é que é o mais importante. Seremos todos tratados de forma igual sempre, independentemente da nacionalidade. Agora existe a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, e nós temos de respeitar tanto os cidadãos ucranianos como os cidadãos russos que estão cá em Portugal. Porque eles têm os mesmos direitos, e provavelmente também não queriam a guerra pois não é democrático. Por isso, ao vivermos numa democracia temos direito à liberdade de expressão, de dizermos

aquilo que pensamos, de não sermos presos e torturados como já aconteceu em Portugal no tempo da ditadura.»

Jorge (aluno): «Significa direitos iguais.»

Evilásia (aluna): «Para mim, todas as pessoas devem ter igualdade e não serem parciais.»

Célia (não docente): «É todos nós termos direito ao ensino, a uma casa. É todos nós termos direitos iguais. Na qualidade de vida, no ensino, na alimentação... E eu posso perguntar a tua opinião? O que é para ti a igualdade com direitos?»

Ariana (aluna): «Todos devem ser tratados iguais, ter os mesmos direitos... não serem tratados de forma diferente por nenhuma razão.»

Rosa (encarregada de educação): «Na escola a igualdade é ajudar cada aluno nas suas dificuldades. Dar apoio. A igualdade das crianças também tem a ver com a saúde, com receber apoio mesmo sem ter todos os documentos. A igualdade acontece na união, no brincar... A igualdade não acontece através da cor da pele mas do coração, da maneira de ser, da educação, daquilo que a família dá à criança.»

Luís (aluno): «A inclusão e a exclusão também tem muito a ver com isso. A igualdade só é garantida se todos forem incluídos nos seus direitos. Igualdade sem direitos não é igualdade.»

Jabes Soares, Martim Salgueiro, Rodrigo Rocha, 6.º C

Olhares



Trabalhos artísticos realizados pelas turmas dos 2.º e 3.º Kids Guernica (Associação de Municípios da Região de Setúbal)



Poéticas

Não julgues um livro pela capa, pois cada uma guarda uma história que tem de ser respeitada, tal como cada pessoa. Não faças aos outros o que não gostes que façam a ti, pois a igualdade nasce quando respeitamos os outros da mesma forma como nos respeitamos a nós próprios. Não importa a cor da pele ou a roupa que vestes, és bonito(a) e igual a todos.

Tens todo o direito de teres uma casa e uma família, tal como todos os bebés merecem ter uma nacionalidade e serem cuidados com amor e felicidade. Os direitos são humanos e existem para reconhecer e proteger a dignidade de todas as pessoas. Cada um de nós merece viver direitos verdadeiros, que aconteçam todos os dias e permitam construir uma

vida sem medo e com a possibilidade de sonhar. Todos pela igualdade com direitos de um e cada um pela igualdade com direitos de todos.

Paulo Fragata, 5.º B; Adriana Correia, Jailson Jorge, Kevin César, Mélanie Borges, Roselaine Trindade e Olívia Jerónimo, 5.º H



a igualdade com direiros



ciclos sobre «A paz e a igualdade», no âmbito do Projeto Óbal)

Reportagem fotográfica: Filipe Pereira, 8.º B

Igualdade com direiros

A primeira constituição portuguesa foi aprovada em 1822. Desde então, a Constituição do nosso país prevê o fim das classes sociais privilegiadas e determina que todos são iguais, a igualdade é um direito de todos (pelo menos é o que diz, ainda hoje, o texto da Constituição). Cada um de nós, em qualquer idade, tem que respeitar o outro e não pode sentir-se superior a ninguém. O sentimento de superioridade, o desejo de dominar destrói a igualdade

e cria a ideia de que uns são melhores e mais poderosos do que outros. Na nossa turma, na escola, na nossa família, na nossa casa deve haver amor e carinho e igual respeito por todos. Só assim viveremos em paz e só assim respeitaremos os valores da igualdade.

Ana Raquel Carlos, Diego Viegas, Leonardo Ferreira, 6.º B, e professora Graça Coelho

Entrevista

A professora Marina Candeias é docente no Agrupamento de Escolas Nun'Álvares desde 2004 e, a partir do ano letivo 2018-2019, tem sido a coordenadora de Cidadania. No âmbito do tema do Jornal Interescolar, foi a entrevistada convidada para uma pequena reflexão sobre a igualdade com direitos em contexto escolar.



Especialmente nas faixas etárias mais novas. Porque não há uma linha que separe uma coisa e outra, pois é importante respeitar os deveres e os direitos de todos. Se isso se concretizar, claro que há igualdade para todos. O desafio que surge em contexto escolar é que cada um tem uma perspetiva diferente, não só pelo contexto cultural, pois temos alunos de vários países, como pela diversidade de experiências de vida de cada um. Aí é onde se encontra a maior dificuldade, definir muito bem com os alunos o que é a igualdade no sentido dos direitos e dos deveres. Eu acho que é difícil falar em direitos sem falar dos nossos deveres, pois ambos estão sempre interligados.

1. De que forma a disciplina de Cidadania contribui para a reflexão sobre a igualdade e os direitos?

É um espaço cujo tema da igualdade e dos direitos faz parte do programa de cidadania, ou seja, há uma abordagem que os professores e os alunos fazem sobre esse tema. Normalmente, quando começamos a desenvolver esta disciplina começamos por aí, para que os alunos conheçam e percebam o que são os direitos humanos. Que tenham contacto com estas questões e pensem sobre elas.

2. A partir da sua experiência, quais as principais dificuldades na educação para a igualdade com direitos?

É talvez os alunos perceberem efetivamente o que é um direito, o que é um dever.

3. É possível falarmos de igualdade sem direitos?

Acho que não. Para nós considerarmos que há igualdade, todos temos de ter os nossos direitos. Para falarmos de igualdade temos de ter uma noção muito concreta do que temos de cumprir, do que temos de fazer diariamente para sermos boas pessoas. E para permitir que o outro tenha os mesmos direitos que nós,

e por isso sermos iguais.

4. Enquanto coordenadora de Cidadania do nosso agrupamento, o que gostaria de fazer diferente na escola?

Eu acho que a nossa escola já faz coisas muito interessantes, e falo não só como professora de cidadania mas como professora desta escola há vários anos. Todas as disciplinas quando fazem algum projeto têm estas questões em conta, da igualdade e dos direitos, de fazer coisas que cheguem a todos. Esta filosofia está sempre presente. Nós já desenvolvemos coisas com muito valor, e o caminho que tem sido feito ao longo dos anos tem sido muito positivo ao nível da reflexão sobre os valores e a igualdade. Vou dar um exemplo, as minhas turmas participaram no Projeto Kids Guernica centrado no tema «A paz e a igualdade», e o empenho e a motivação foi total. Eles tinham tanta sede de participar no projeto e trabalhar aquele tema, que o entusiasmo foi incrível.

Ana Damasceno, 5.º D

Escola Básica Paulo da Gama

Inclusão é tornarmo-nos integrados noutros países ou ambientes

Textos de alunas estrangeiras que frequentam a nossa escola há menos de um ano (e já todas escrevem em Português! Umhas mais, outras menos...)

Faz parte do Plano de Ação Estratégica do agrupamento a existência de um grupo de acolhimento em Português Língua Não Materna para alunos falantes de outras línguas, com especial incidência na integração de alunos provenientes de outros sistemas de ensino, nomeadamente de línguas maternas com alfabetos que não o latino ou com outros sistemas gráficos.

Agradecemos a colaboração da professora Paula Guerreiro.

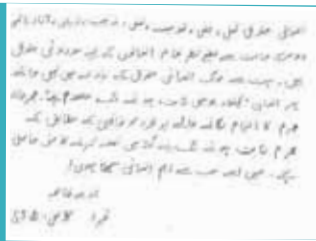
Os direitos humanos são direitos inerentes a todo o ser humano, independente da raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição.

Muitas pessoas não conhecem os direitos humanos.

Todo o ser humano é «inocente até prova em contrário».

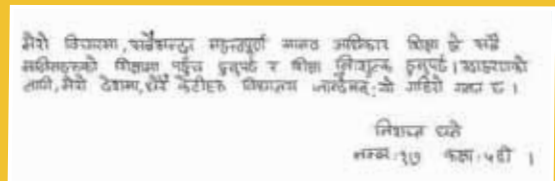
Toda a pessoa acusada de um delito penal tem direito à presunção de inocência até que a sua culpabilidade seja provada, de acordo com a lei. Considero que este é o direito humano mais importante!

Areeba Fatima, 5.º D (paquistanesa, escreve em Urdu)



Na minha opinião, o Direito Humano mais importante é a Educação: Todos os seres humanos devem ter acesso à educação e o ensino deve ser gratuito. Por exemplo, no meu país, muitas raparigas não vão à escola; isto é profundamente errado.

Nishchal Ghale, 5.º D (nepalesa, escreve em Nepali)



Eu penso que o artigo 8.º dos Direitos Humanos é muito importante: todas as pessoas devem ser protegidas pelos tribunais quando são desrespeitadas nos seus direitos fundamentais. É uma questão de respeito e de justiça.

Farkhorda Dahlat, 5.º D (afegã, escreve em Persa)



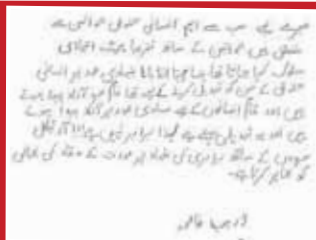
Para mim, os direitos humanos mais importantes estão relacionados com as mulheres.

As mulheres foram discriminadas quase sempre. Hansa Mehta, indiana, foi a grande responsável por mudar, no texto da Declaração dos Direitos Humanos, «Todos os homens nascem livre e iguais» para «Todos os seres humanos nascem livres e iguais».

Esta alteração, logo no artigo 1.º, mostra a reposição da dignidade da mulher como ser humano em igualdade com o homem.

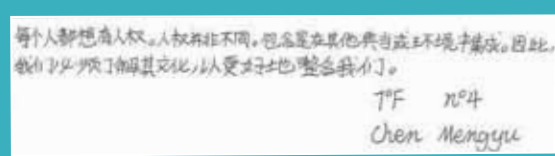
Esta alteração, logo no artigo 1.º, mostra a reposição da dignidade da mulher como ser humano em igualdade com o homem.

Laraib Fatima, 5.º D (paquistanesa, escreve em Urdu)



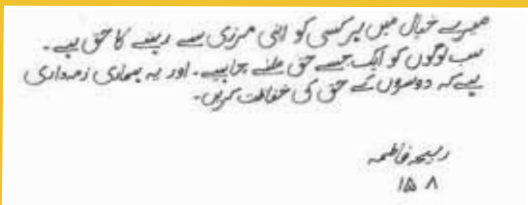
Todos querem ter direitos humanos. Os direitos humanos não são uma diferença. Inclusão é tornarmo-nos integrados noutros países ou ambientes. Portanto, devemos entender a sua cultura para nos integrar melhor.

Cheng Mengyu, 7.º F (chinesa, escreve em Mandarin)



Na minha opinião, todos nascem livres e merecem direitos iguais e é nossa responsabilidade proteger os direitos dos outros.

Rabha Fatima, 8.º E (paquistanesa, escreve em Urdu)



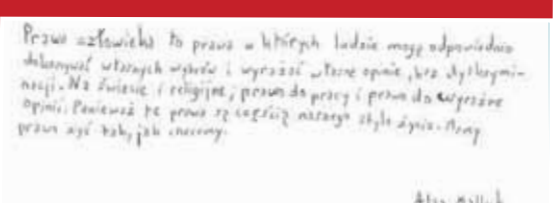
Direitos humanos são direitos em que as pessoas podem ter as suas próprias opiniões sem serem discriminadas.

Existem 30 direitos humanos reconhecidos em todo o mundo. Na minha opinião, o direito à educação, os direitos culturais e religiosos, o direito ao trabalho e o direito de dar a opinião são importantes.

Porque esses direitos fazem parte do nosso estilo de vida.

Temos o direito de viver nossas vidas da maneira que queremos.

Alaa Mallick, 8.º E (paquistanesa, escreve em Polaco por ter sido escolarizada na Polónia)



Promoção de medidas de integração e inclusão dos alunos

Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência

Visando responder à diversidade das necessidades dos alunos, começou a funcionar, este ano letivo, na escola sede do nosso agrupamento, a Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência (UAEM). Uma equipa do Clube de Jornalismo visitou esta unidade e falou com as professoras responsáveis, Eugénia Teixeira e Olga Ferreira.

Ficámos a saber que «esta unidade surgiu porque havia a necessidade de dar uma resposta especializada a alunos com multideficiência na nossa escola». Este tipo de unidade concentra meios humanos e materiais de modo a «estabelecer estratégias de intervenção para alunos com multideficiência, de acordo com as tipologias de deficiências de cada aluno, tendo em vista o desenvolvimento da sua autonomia pessoal e social, da escola inclusiva e da escola ativa, e a aplicação de currículos centrados nas experiências de cada aluno, conforme a sua problemática».

Nesta UAEM as professoras são especializadas na área da educação especial e são auxiliadas pelas assistentes

Anabela Portugal e Sandra Lopes, que ajudam as professoras «em tudo o que está associado com os alunos da unidade, desde a hora de entrada deles até à hora de saída, pois eles nunca ficam sozinhos». Foi adaptada uma sala de aula e «foram cedidos materiais com os quais se pode trabalhar com estes alunos». O espaço, que foi decorado pela equipa, não está totalmente pronto. «Para o espaço estar finalizado precisamos de uma casa de banho adaptada, o que é urgente. Mesmo que neste momento não tenhamos nenhum aluno com paralisia, podemos receber a qualquer altura. Também são necessários materiais mais funcionais, como um forno, armários para organizar os materiais, estantes, um piso diferente na sala...» O trabalho está a decorrer de acordo com as expectativas: os alunos são bem aceites pelos outros e não só. «Nesse sentido está a correr muito bem.»

Beatriz Espada, Esther Santos e Lara Carvalho, 6.º A



Tiago Granja, 7.º G



Tiago Granja, 7.º G



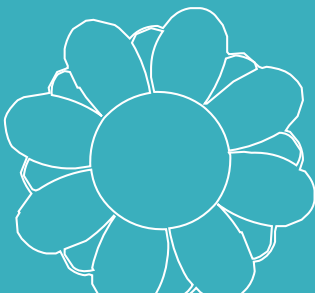
Djalcky Ramos, 6.º E



Márcio Lami, 5.º F

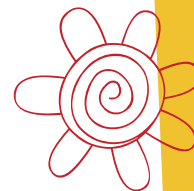


Tiago Granja, 7.º G



Escola Básica de Corroios

Estendal dos Direitos Humanos



No dia 10 de dezembro, foi exposto o Estendal dos Direitos Humanos, com o objetivo de comemorar este dia tão importante, quando a 10 de dezembro de 1948 foi aprovada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde simples cidadãos como nós experimentaram, em primeira mão, o que significa ser livre e respeitado por todos.

Foram pintadas, decoradas e desenhadas *t-shirts* brancas com os diferentes artigos que constam na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Toda a escola colaborou da forma mais proativa possível, desde alunos, professores a funcionários. Sabemos que a participação de todos

foi indispensável para a realização desta atividade com tanto significado e com o objetivo de afirmar os valores, igualdades e respeito a que todos os cidadãos têm direito.

Como aluna, acredito que a participação da escola nesta atividade tão interativa e interessante foi muito importante, pois a maior parte da comunidade escolar talvez não tivesse a noção nem a perceção do que defendiam e o que eram os Direitos Humanos de cada pessoa.

Ana Marcelino, 9.º C

Para celebrar o Dia dos Direitos Humanos (10 de dezembro), a nossa escola realizou a atividade Estendal dos Direitos Humanos.

A atividade foi feita por todas as turmas do 5.º ao 9.º ano. E também participaram os funcionários.

Numa *t-shirt* branca, do lado da frente, os alunos escreveram o direito que lhe foi atribuído e do lado de trás fizeram a ilustração. Na nossa *t-shirt*, nós fizemos vários desenhos, com a ajuda de papel químico e pintámos a *t-shirt* com canetas para tecido. Ficou muito colorida. A aluna que ia escrever o direito na *t-shirt* ficou doente e teve de ser a professora a escrevê-lo.

Ela ficou muito triste.

Chris Messano, Caroline Gonçalves e Kiese Sebastião, 5.º D



As nossas opiniões

«Eu e a Soraia gostámos de participar nesta iniciativa e achámos importante falar sobre os direitos humanos e com isso todos aprendemos e temos conhecimento sobre os nossos direitos.»

Ana Félix, 9.º B

«Nós achámos que estava muito giro!... Foi pena a nossa turma não ter participado. Foi uma grande ideia fazer este projeto para aprendermos mais acerca dos nossos direitos como humanos. Reconhecemos que este tema deveria ser mais trabalhado e dada maior importância, não só na vida dos adultos, mas também dos jovens.»

Soraia, Érica e Luciane, 9.º D

«Nós achámos esta atividade bastante interessante, achámos bem criativo o ter colocado nas *t-shirts* essas frases e terem colocado na frente do bloco A. Também gostámos do facto de cada turma ter a sua *t-shirt* em exposição e todos terem a oportunidade de as observar. Encontrámos lindas frases com lindos significados. Espero ter a oportunidade de ver outras atividades assim.»

João e Ariana, 9.º E

«Nós gostámos muito desta atividade, porque juntámos as mesas e trabalhámos em grupo. Foi uma atividade alegre e gostámos muito de ver as *t-shirts* todas expostas na escola. Gostámos de todas.»

Chris Messano, Caroline Gonçalves e Kiese Sebastião, 5.º D



Manta dos Afetos

Para celebrar o São Valentim, na Oficina Multidisciplinar do 2.º ciclo, algumas turmas do 5.º e 6.º ano fizeram uma Manta dos Afetos, com cartolina, tecido e lã. A manta mede 2,25x1,65 m e foi exposta na entrada do Pavilhão A.

Como fizemos?

Recortámos corações e

quadrados de cartolina e depois com o furador fizemos furos à volta do coração e dos quadrados. Em seguida, com a lã nos furos, fizemos traços alternados dentro dos furos e cruzámos.

A professora começou por recortar corações e depois, com a nossa imaginação, começámos com o tecido

branco, rosa, vermelho, a passar pelo coração. De seguida, colámos os corações feitos no quadrado.

Tínhamos um cartão com furos nos lados para passarmos fios de lã!

Alunos do 5.º A e professora Cristina Dias



A nossa opinião?

Eu gostei de fazer esta atividade, porque utilizei a minha imaginação. O que gostei mais de fazer foi passar com o tecido no coração.

Eu gostei de ver a manta exposta.

Eu gostei de fazer a manta, porque fiz com os meus amigos.

O que eu mais gostei de fazer foi cortar os corações. Gostei de ver a manta exposta, porque fui eu que a fiz.

Gostei de fazer a manta, porque tinha a ver com o São Valentim.

O que mais gostei de fazer foi passar de furinho em furinho com a lã. Gostei de ver a manta exposta porque foi um trabalho feito pelo 5.ºA.

Eu gostei de fazer a manta, porque foi muito divertido. O que eu mais gostei de fazer foi cortar os quadrados e os corações. Eu gostei, porque estava muito bonita.

Gostei de fazer a atividade. Só não gostei de passar a ferro os corações. Eu amei, porque é uma boa recordação.

O que mais gostei foi costurar. Gostei de ver a manta completa e exposta, porque ficou gira.

Eu gostei de fazer a manta. Foi incrível, porque fazer coisas em grupo é o melhor.

O que gostei de fazer foi os corações. Gostei de ver o meu trabalho árduo completo.

Gostei de fazer a atividade, porque foi interessante ver o resultado final. Ficou bem bonita!

Gostei de fazer. Achei uma ideia muito criativa e muito fácil de fazer.

Gostei de fazer tudo. Tudo foi divertido, mas gostei mais de enfiar a lã no cartão. Ficou muito bonita.

Gostei de fazer, porque fiz com os meus amigos e foi muito divertido. Adorei ver as peças que eu fiz na manta completa.

Alunos do 5.º A e professora Cristina Dias



Escola Básica Carlos Ribeiro

Direitos iguais?

Igualdade e direitos supostamente teríamos todos os mesmos: «todos merecemos isto...», «temos todos direito a...» ouvimos frequentemente dizer.

«Todos nascem livres e iguais»; «Todas as pessoas são iguais seja qual for a sua origem, cor, etnia, sexo, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra condição». Estas frases são os artigos 1.º e 2.º da Carta dos Direitos Humanos. Mas e se vos dissermos que na verdade não é bem assim?! Defendemos que os direitos humanos não foram inventados, são pertença de todo o ser humano, existem desde a presença do ser humano na Terra. O que aconte-

teceu foi o reconhecimento desses direitos, intrínsecos à Humanidade, que foram legalizados por meio de convenções e documentos oficiais, o que foi um passo importante em direção à sua defesa.

Os direitos humanos, um corpo de leis, um código universal protegido e aceite, incluindo direitos civis, culturais, económicos, políticos e sociais, também estabelece obrigações aos governos de agir de determinada maneira ou de se abster de certos atos, a fim de promover e proteger os direitos humanos.

É isto que todos pensamos, certo? No entanto, não é a realidade de muitos países.

Vejamos alguns números: em pelo menos 81 países ainda existe tortura e maus-tratos; em 54 países os cidadãos enfrentam julgamentos injustos; em 77 países a liberdade de expressão é restringida. A verdade é que continuamos a viver num mundo dividido por ideias e ações, onde quem lidera e chefia milhares ou até milhões de pessoas se esquece da obrigação de defender todos e cada um. Será que alguma vez isso vai mudar? Duvidamos, afinal somos todos humanos, com demasiadas falhas.

Os direitos humanos são um conjunto de leis que, supostamente, têm como



A igualdade é um direito, 8.º C

objetivo serem seguidas pelo ser humano, mas aparentemente muitas pessoas não as respeitam. O apelo será sempre respeitar o outro. Respeite os direitos que o outro tem, para poder

exigir o respeito pelos seus direitos também.

Carolina Torres, Clara Mendes e Raíssa Guerra, 9.º D

Igualdade no acesso à educação

Seja lá qual for o género sexual, todos necessitamos de educação e devemos ter acesso à mesma, embora essa possibilidade não exista em todos os países ou cidades de todos os cantos do mundo.

Embora existam vários tipos de educação, a educação escolar (que nos enriquece ao nível do conhecimento em diferentes áreas e culturas) e a educação que temos relativamente aos outros, desde os mais próximos aos mais afastados (que adquirimos na família e nos contactos sociais que desenvolvemos), são as mais importantes.

Nos países desenvolvidos, é sempre mais fácil obter o acesso à educação. No

entanto, não quer dizer que todas as pessoas tenham acesso igual, pois depende das posses económicas de cada um.

Em Portugal, o ensino é gratuito e, nos últimos anos, o Estado tem oferecido os manuais e cadernos de atividades durante o ano letivo inteiro, com a condição de que sejam devolvidos no fim do mesmo, para que no ano seguinte possam ser fornecidos a outras crianças que deles necessitem. Mas isto é uma medida que, embora importante, não resolve todas as desigualdades existentes no acesso à educação e à cultura.

Diana Mendes e Marisa Sobral, 9.º B



Sejam bem-vindos... Aqui há paz e igualdade, 8.º A e 8.º D

Igualdade de oportunidades e igualdade social

Hoje em dia, muitas pessoas não têm os mesmos direitos nem as mesmas oportunidades apenas por nascerem em determinado país ou em determinada família, o que faz com que exista uma grande discriminação.

Se um país não conseguir atender às necessidades básicas de grande parte da população, não terá igualdade social. Muitas pessoas são discriminadas, tendo menos oportunidades, deixando de ter acesso às necessidades básicas

como alimentação, saúde e higiene. Como consequência, irá existir fome, pobreza e miséria.

Também a dificuldade de ter acesso à educação e à cultura reduz a igualdade de oportunidades. Estes problemas são mundiais, embora mais graves em certos continentes como, por exemplo, no continente africano, em países como Moçambique, Namíbia e Angola. Este último, embora sendo um país muito rico, com mais de 25 milhões de habitantes, só 5

milhões têm qualidade de vida, enquanto os restantes vivem na pobreza.

Na União Europeia, o país que apresenta maior desigualdade social é Portugal. Os países com menor desigualdade social são o Japão, a Noruega e a Suécia. As pessoas nascem e crescem em grupos sociais ou ambientes diferentes. Isso, só por si, define as oportunidades que terão no futuro e ninguém faz nada para resolver isto!

Catarina Vaz e Fabiana Rana, 9.º F



Só a união dos povos fará a erupção do vulcão da igualdade, 8.º A

O arco-íris no amor

Infelizmente, a sociedade dos dias de hoje continua sem querer aceitar que é possível amar alguém que seja do mesmo género. Vamos combater este tabu percebendo que a comunidade LGBTQ+ não é um movimento inútil, é sim um conjunto de pessoas que luta pelos seus direitos.

Quando falamos sobre este assunto lembramo-nos logo como estas pessoas são julgadas pela forma como amam, ouvindo diariamente comentários homofóbicos.

Todos conhecemos pessoas que são julgadas pela própria família, por exemplo, dizendo para se vestirem mais adequadamente ao seu género, ou criticando-as dizendo-lhes: «Pareces uma bicha.», «Final és o quê?», «Já vestias uma saia, algo mais feminino.» Quem faz estes comentários não tem noção do impacto que causa a quem os ouve. Quem está errado é quem não sabe aceitar a diferença, quem acha que tem de ser tudo padronizado.

É o fim do mundo se duas mulheres se beijarem na rua, mas um casal heterossexual pode fazê-lo sem problema algum? Uma pessoa que seja LGBTQ+ está sujeita a não poder ser aceite num trabalho. Porquê? Onde é que estão os direitos humanos? Porque não estão a ser cumpridos?

Ninguém te obriga a seres diferente, só te exigem o respeito que já devia ser um dado adquirido.

Todas as manifestações desta comunidade são sempre uma tentativa de se fazerem ouvir.

Vamos apoiar todos e deixar de os julgar. Terei sempre orgulho em todos os que, mesmo vivendo com todo este preconceito, dão a volta por cima. Que esta «luta» seja vencedora!

Rita Cardoso, 9.º C

Igualdade de género

É inegável que os homens e as mulheres têm características distintas. No entanto, isto não significa que não mereçam igual respeito. Seria de esperar que a sociedade hoje em dia fosse mais igualitária e menos discriminatória em relação ao género, principalmente em situações de trabalho e nas famílias.

Este tipo de situações acontece até mesmo em países desenvolvidos.

Hoje em dia, fala-se muito do movimento feminista que, ao contrário do que muitas pessoas pensam, defende direitos iguais para os dois géneros, ou seja, os homens também podem ser feministas.

Penso que a igualdade de

género deve ser promovida por todos, para que as gerações futuras possam viver num mundo menos desigual. No entanto, isto não será possível enquanto houver lugares do mundo em que as mulheres não têm direitos humanos básicos.

Pedro Pina, 9.º B

Igualdade de acesso aos meios digitais e de informação

Muitos países não têm condições para aceder à internet ou a mesma é controlada pelo Estado.

A China é um bom exemplo disso, pois só é possível visitar sites que tenham um servidor localizado dentro do país.

Há outros países em que o uso da internet também não é totalmente livre, como por exemplo a Síria, a Coreia do Norte e a Rússia. Em países como os Ca-

marões, a Líbia, a Costa do Marfim ou o Senegal, entre outras regiões subdesenvolvidas, menos de 20 por cento da população utiliza aparelhos digitais.

Hoje em dia, as competências digitais são essenciais, daí a importância de apostar na melhoria da educação e no desenvolvimento destas competências.

Quando pesquisamos online devemos proceder a uma seleção da informação a

tratar, para não nos deixarmos enganar pelas «fake news». Devemos evitar sites duvidosos e utilizar fontes fidedignas.

Resumindo: devemos apostar na qualidade das fontes de informação e defender o acesso à liberdade de informação e de comunicação em todo o mundo.

Carolina Ferreira e Madalena Ribeiro 8.º C



Não basta sonhar, vamos tornar a igualdade real!, Diana Ruivo, 8.º A

Escola Secundária Dr. José Afonso

Na luta contra a discriminação

Ele por ela, todos por todos



Para conhecermos o núcleo HeForShe da nossa escola falámos com o António Félix, a Catarina Rosa, o Gabriel Paixão e a Gabriela Cunha, do 12.º ano.

O projeto envolve 23 alunos do secundário e luta pela igualdade de género, através de ações na escola e na conta Instagram (@heforshe.esja), mostrando à comunidade escolar que o problema existe e como combatê-lo, bem como outros que daí advêm como o racismo, a homofobia, a transfobia.

Como é que tudo começou?

No nosso país há núcleos nacionais, regionais e em universidades, mas em escolas secundárias não. Somos assim pioneiros e estamos divididos em departamentos, sempre em contacto com os outros núcleos. Esta organização internacional, criada pela ONU Mulheres em 2014, com apoio da atriz Emma Watson, luta pela igualdade de género no mundo. Eu [António] conhecia vários núcleos, gostava imenso do trabalho que faziam e tive a ideia de criar um núcleo aqui na escola. Pensei que nunca iria acontecer pois não havia núcleos em escolas. Então, contactei o HeForShe de Lisboa e partilhei a minha ideia. Afinal era possível e apenas tínhamos que falar com a direção da escola. Falei com colegas e amigas para dinamizarmos este projeto. Entregámos um documento à direção em março de 2021, mas ficou sem resposta. Já neste ano letivo, a nova direção disse que podíamos avançar. Passámos à divulgação e abrimos inscrições para que mais alunos do secundário pudessem trabalhar connosco.

Quais são os objetivos deste projeto?

O principal é conseguirmos a igualdade entre homens e mulheres. Mas o núcleo HeForShe abrange outros aspetos importantes para a comunidade LGBTQI+: o racismo, a xenofobia, o capacitismo. Mulheres com algum tipo de deficiência não só sofrem com o machismo mas também por serem olhadas de lado. Há um bocado de medo desta ideia, mas o feminismo é uma ideia simples de que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades. O feminismo que queremos implantar no nosso núcleo é interseccional, cruza várias lutas: a luta antimachista, a luta antirracista, a luta pelas mulheres que fazem parte da comunidade LGBTQI+. Tratamos os vários preconceitos porque há muitos e interligados, mas a base é a igualdade de género. Sempre nos interessámos por este problema. Participámos no Parlamento dos Jovens quando o tema foi a «Violência no Namoro». Não basta falar e não fazer nada e depois há muitas perguntas e confusões. Se conseguirmos ajudar uma só pessoa, já consideramos que o núcleo está a cumprir os seus objetivos.

O que é preciso mudar na escola?

Muita coisa mesmo: recebemos testemunhos de casos de discriminação, na maioria de raparigas na escola devido à cor da pele, à orientação sexual. Infelizmente, muitas mulheres já foram assediadas na rua e essa é uma situação que podemos mudar. As escolas não são um sítio seguro para mui-

tos alunos/as, pois sofrem bullying ou discriminação e um dos nossos grandes objetivos é tentar mudar a mentalidade das pessoas: passa por enfrentar estas situações, realizar ações de divulgação e dar visibilidade a este problema, pois não se falava disto. As pessoas sabem que existe mas, ao ouvirmos uma testemunha a dizer «Sim eu passei por isto», é diferente.

As vossas ações estão a ter impacto?

Sim, o grande meio de divulgação é o Instagram. A cada duas semanas temos um tema diferente. Também assinalámos a igualdade de género com um vaso e várias flores com mensagens. Já realizámos alguns eventos, sessões de esclarecimento sob o tema da comunidade trans.

O que é ser feminista?

É defendermos que os homens e as mulheres têm os mesmos direitos e oportunidades pois a discriminação acontece no dia a dia. Todos temos preconceitos muito enraizados pois assim fomos educados, de tal forma que nem nos damos conta. Temos de parar e pensar nas nossas ações e evitar esses comportamentos.

O feminismo não é uma luta entre homens e mulheres. Se vocês pensarem, nas famílias portuguesas, tradicionalmente é o homem que dita as regras. As pessoas que estão na política, na sua maioria, são homens. Trazer homens para o movimento é importante porque podem lutar por um mundo onde a igualdade de género seja real. Há muitos homens que não cumprem o estereótipo



do homem insensível, que não chora...

O feminismo é importante para as mulheres e para os homens. Para as mulheres é importante porque sentem que estão a alcançar o que querem ao nível dos homens. Para os homens é importante pois já não vão sentir a pressão de ter determinada atitude ou profissão só porque são homens. O feminismo é ser livre de agir, de pensar, de usar a roupa que queremos independentemente de sermos homens ou mulheres. Não estamos a dizer que devemos dar mais direitos às mulheres e menos aos homens, defendemos o equilíbrio. Temos de clarificar isto muito bem.

Como tem sido a reação dos participantes?

Boa. A cada duas semanas fazemos uma reunião e decidimos as publicações e os eventos a fazer. O nosso núcleo tem tudo a ganhar ao trabalhar em equipa. Assim, as ideias de várias pessoas contribuem para uma grande ideia. Esse é o grande objetivo: que toda a gente sinta que as suas ideias são importantes e que estão a contribuir para que as coisas mudem.

O que esperam como mudança?

Seria mesmo bom ouvir falar do núcleo HeForShe da José Afonso quando estivermos na faculdade. Que continuasse ativo com outras pessoas a lutar pelos mesmos direitos e que o projeto continuasse a evoluir. Só estamos a focar-nos no secundário e era bom que também pudessem entrar os do básico já que é a primeira escola de Portugal que tem o núcleo HeForShe. Outra mudança que queremos ver é as pessoas sentirem-se bem na escola independentemente das suas orientações sexuais.

Uma ideia final?

A igualdade de género é uma luta de todas as pessoas e para todas as pessoas. Só juntos conseguiremos concretizar esta luta e construir um mundo onde seremos livres de ser, agir, dizer e vestir o que quisermos, independentemente do género com que nos identificamos. Só num mundo livre de discriminação, seremos verdadeiramente livres!.

Diogo Santos, Eva Borges,
Manuel Rebelo, 7.º C,
Gabriel Pina, 7.º E

Igualdade com direitos

O conceito de igualdade entre todos os seres humanos deve entender-se como base para a construção de uma sociedade mais justa e livre de quaisquer preconceitos ou discriminações. No decurso da História, muitos foram os acontecimentos que se pautaram pela concretização desse intento. A igualdade entre todos, na sequência da luta popular pela desconstrução da sociedade de ordens e privilégios vigente no Antigo Regime, foi uma das palavras-chave do icónico lema da Revolução Francesa de 1789, que se tornou um marco histórico e político ainda hoje citado.

Hoje, o tema «Igualdade com direitos» deve ser mesmo um lema, e por isso tem sido tão transversalmente discutido em situações diversas como as aulas, na comunicação social ou num café entre amigos.

Ao longo de sucessivas gerações, algumas mentalidades e comportamentos têm vindo a mudar. É já na sociedade nossa contemporânea que podemos ver nos ecrãs manifestações que reivindicam e protegem direitos de diversas nações, etnias, géneros e sexualidades. Fruto desta mudança em permanente construção, vivemos atualmente numa época em que a diversidade humana deve ser, cada vez mais, encarada como algo tão natural e belo. Não obstante existirem ainda muitas assimetrias morais e pontos de vista antagónicos relativamente a este tema, e que grassam por todo o mundo, por vezes, parece que estamos cada vez mais perto de chegar a um dito «paraíso», já cantado por John Lennon, onde todos se aceitam tal como são.

Independentemente da cor da pele, da sexualidade, do género com que nascemos, das etnias a que pertencemos, é necessário (e tendo presente que tudo não passa de uma lotaria natural) garantir que todos partimos

do mesmo ponto rumo ao nosso objetivo último, a felicidade. Se tivermos uma perspetiva holística do mundo, chegamos à conclusão de que todos somos precisos: não porque temos semelhanças, mas sim porque temos diferenças, e são elas que contribuem para a nossa riqueza enquanto espécie e para a enorme diversidade de crenças, opiniões, costumes e hábitos que existem

em oportunidades de exercer cargos políticos. O mesmo se aplica àqueles que possuem uma orientação sexual diferente dos paradigmas sociais. Qual é o sentido de culpabilizar alguém por gostar de A de B ou de C? Por algo tão humano como o simples sentir? É apenas sentir. Como é que um sentimento tão nobre como o de amarmos o outro pode ser alvo de qualquer

apodera-se de nós, após lermos esta notícia, que retrata algo completamente execrável. Finalmente, vale a pena referir que, sendo o nosso país classificado como desenvolvido e, por isso, uma nação que assegura, na sua plenitude, uma complexa rede de mentalidades evoluídas, sobretudo no que toca a temas consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, não nos podemos iludir, já que nem todos os indivíduos parecem agir de acordo com o conceito de igualdade enquanto ideal mais poderoso de uma sociedade justa, banalizando-o e demonstrando ter um pensamento retrógrado e até machista.

O aumento dos níveis de escolarização é, indubitavelmente, uma arma necessária no combate a estes preconceitos. Dizemo-lo de forma lacónica: qualquer preconceito imposto pela sociedade não traz consigo um argumento sólido, racional e coerente, mas apenas a ignorância, o obscurantismo, a não abertura, o perpetrar do sentido de exclusão face ao que é diferente de nós. Afinal somos todos da mesma espécie que habita e partilha a casa e que, por essa mesma razão, se devia respeitar sempre mutuamente, usando a massa cinzenta. A igualdade não é facultativa, mas sim um direito. Há que educar as gerações, atuais e futuras, para lutarem por ela, contribuindo para uma sociedade mais justa, e anulando preconceitos que ainda se encontram em nós enraizados. Vamos tratar os outros do mesmo modo que desejamos ser tratados! Hoje, amanhã, sempre!



no nosso mundo. No que se refere à igualdade de género, isto é, igualdade de direitos, deveres, oportunidades e rendimentos entre o homem e a mulher numa qualquer área, consideramo-la um requisito crucial para o desenvolvimento social. Constatamos que persistem ainda muitas assimetrias em todo o planeta, especialmente no acesso à educação, à saúde, às oportunidades de trabalho, à valorização da carreira profissional e no acesso a cargos de topo. Exemplo vivo e aterrorizador desta situação passa-se no Médio Oriente, onde as mulheres sofrem uma constante aniquilação dos seus direitos e são reduzidas a meros objetos ao lado dos homens: não podem estudar, rir em voz alta, sair à rua sozinhas, vestir o que querem, não

tipo de chacota ou discriminação? É assustador que, ainda hoje, algumas pessoas sejam condenadas à morte por terem orientação sexual distinta. Quanto à igualdade racial, não nos parece existir, assim como para as anteriores, uma base racional e científica para justificar qualquer comportamento discriminatório. Será racional ter um qualquer ódio por seres como nós apenas por que têm mais ou menos melanina? Qual é a base racional de algumas pessoas terem a convicção absurda de que a cor de pele nos pode submeter a mais dignas ou menos dignas condições de vida? No atual contexto, surgiu uma notícia de que alguns portugueses foram impedidos de sair da Ucrânia apenas por serem negros. Um sentimento de raiva

Ficha técnica

Agrupamento de Escolas Nun'Álvares
Técnicos responsáveis: Manuel Firmo e Patrícia Martins

Alunos: Adriana Correia, Ana Damasceno, Ana Raquel Carlos, Diego Viegas, Filipe Pereira, Jales Soares, Jailson Jorge, Leonardo Ferreira, Martim Salgueiro, Mélanie Borges, Olívia Jerónimo, Paulo Fragata, Rodrigo Rocha, Roselaine Trindade

Escola Básica de Corroios

Professoras: Cristina Dias, Dulce Teixeira, Elvira Torgal, Isabel Inácio, Mónica Ramalho, Paula Sousa, Sílvia Faim
Alunos: 5.º A, Ana Félix, Ana Marcelino, Ariana Cunha, Caroline Gonçalves, Chris Messano, Érica Veiga, Henrique Campota, João Damasceno, Kiese Sebastião, Luciane Correia, Soralia Tavares

Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Professoras: Anabela Pires Carreira e Isabel Preto, com a colaboração de Deolinda Almeida e Paula Baptista
Alunos: André Bernardo, André Boletto, Artur Trindade, Beatriz Araújo, Catarina Santos, Daliane Nascimento, Daniela Butez, David Sena, David Torráo, Diogo Duro, Diogo Oliveira, Gabriela Silva, Lara Nunes, Inês Costa, Inês Soares, Isabel Cruz, João Xia, Joshua Seidi, Keilla Teles, Laura Branca, Luana Rebelo, Margarida Carvalho, Mariana Correia, Raissa Amado, Raquel Valente, Soralia Oliveira, Teresa Luis, Tiago Costa

Escola Básica Carlos Ribeiro

Professores: Luisa Mateus, Paulo Rodrigues
Alunos: Clara Mendes, Carolina Ferreira, Carolina Torres, Catarina Vaz, Diana Mendes, Fabiana Rana, Madalena Ribeiro, Marisa Sobral, Pedro Pina, Raissa Guerra e Rita Cardoso

Escola Básica Paulo da Gama

Professor: Anabela Matos, Carlos Carasco, Carlos Reis e Zélia Tostão, com a colaboração de Paula Guerreiro
Alunos: Alza Mallick, Areeba Fatima, Beatriz Espada, Chetny Mengyu, Djalky Ramos, Esther Santos, Farkhorda Dhlal, Lara Carvalho, Loraib Fatima, Márcio Lamy, Nishchal Ghale, Rabbia Fatima e Tiago Granja

Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

Professoras: Ana Paula Gonçalves, Paula Sousa, Manuela Lino
Alunos: Ana Maria Munteanu, Ana Sofia Morgado, Anastasia Iovu, André Fernandes, Beatriz da Costa Moreira, Catarina Gonçalves, Chenxu Ye, Cristiano José Alves, Daniel André Calado, Daniela Reis Lourenço, Diana Vidalga Lopes, Diana Colares, Dmytro Dzyvnyk, Enio Meta, Gonçalo Favinha Murta, Inês Moura Costa, Inês Oliveira Amaral, Isabel Reis, Jéssica Nunes Grilo, Joana Patrícia Pereira, João Diogo Martins, João Manuel Pires, Luís Filipe Carvalho, Marta Filipa Sândria, Pedro Salvador Oliveira, Raissa de Santana Martins, Ricardo Meira do Carmo, Rita de Almeida Gonçalves, Rodrigo Leitão, Rute Silva Marvão, Sara Rocha Pereira, Simão Pedro de Freitas, Tomás Filipe Patrício, Zion da Veiga dos Santos

Escola Secundária de Amora

Professoras: Gabriela Benavente, Rosa Boteguilha, Susana Júlio
Colaborador: Stéphane Laurent
Alunos: 3TC e 3TG, Beatriz Marques, Carolina Lopes, Diana Bestuzheva, Érica Parreira e Sara Ramos, Inês Braga, Isabella Lima, Lara Morgadinho e Patrícia Vieira, Ana Cláudia, Cecília, Lurdes, Vanessa, Vitória

Escola Secundária Dr. José Afonso

Professores: Alice Santos, Dora Pinheiro, José Sebastião
Alunos: Ana Santos, António Félix, Duarte Casquilho, Diogo Santos, Eva Borges, Gabriel Pina, Inês Godinho, Inês Pinela, Inês Rodrigues, Joana Cabral, Manuel Rebelo, Mateus Araújo, Tomás Soeiro

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Professores: Fátima Fonseca, Luísa Pereira, Maria João Cunha, Isabel Martins
Alunos: Afonso Lourenço, Ana Lucas, Ana Silva, Cátia Dâmaso, Constança Sousa, Daniel Gomes, Daniela Fortes, Filipe Souza, Gabriela Santos, Inês Antunes, Inês Pinto, Leinice Andrade, Pedro Fialho, Rafaela Salsinha, Sara Francisco, Sofia Silva

Associação de Estudantes da Escola Secundária Dr. José Afonso: Mateus Araújo, António Félix (12.º E), Inês Godinho (12.º C), Inês Rodrigues (12.º H), Duarte Casquilho (11.º E), Inês Pinela (11.º H)



Escola Básica Carlos Ribeiro



Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira



Escola Secundária Dr. José Afonso



Escola Básica Dr. António Augusto Louro



Escola Secundária Manuel Cargaleiro



Escola Básica de Corroios



Escola Básica Paulo da Gama



Escola Secundária de Amora



Agrupamento de Escolas Nun'Álvares

